



LALÍNGUA E LA LÍNGUA

EFEITO DE CAPTURA DO CORPO PELAS RESSONÂNCIAS DE *LALÍNGUA*

Adriana Martins Ianino¹

Glória Maria Monteiro de Carvalho²

LALANGUE AND LA LANGUE: EFFECT OF CAPTURE OF THE BODY BY THE RESONANCES OF LALANGUE

LALANGUE Y LA LANGUE: EFECTO DE CAPTURA DEL CUERPO POR RESONANCIAS DE LALANGUE

RESUMO

Este artigo aborda o efeito de captura do corpo do sujeito por *lalíngua* segundo a perspectiva psicanalítico-lacanian. Pretende-se, portanto, colocar em discussão o equívoco decorrente da aproximação homofônica entre palavras – no caso, entre *de lata* e *dilata* –, na escuta do(a) primeiro(a) autor(a) deste artigo em dois momentos diferentes. Num primeiro momento, trata-se de uma escuta ancorada na concepção de sujeito epistêmico, enquanto que, num segundo momento, essa escuta teve como eixo o sujeito do inconsciente. Desse modo, em cada um dos casos, as ressonâncias da fala sobre o corpo do(a) autor(a) conduziram-no(a) por caminhos divergentes, conforme indicam as diferenças nos dois tipos de interpretação do conto O Homem de Lata de Oz que motivou a presente discussão. Este trabalho indica um ponto de encontro entre linguística, psicanálise e literatura, que se deu a partir de um conto literário, destacando-se os efeitos produzidos pelo conto sobre o corpo do leitor.

Palavras-chave: Homem de lata; *Lalíngua*; Corpo; Homofonia; Ressonância.

ABSTRACT

This article addresses the effect of capturing the subject's body by *lalangue*³ according to the psychoanalytic-lacanian perspective. It is intended, therefore, to discuss the equivocation arising from the homophonic approximation between words - in this case, between *de lata* and *dilata* -, in the listening of the first author of this article in two different moments. At first, it is a listening anchored in the conception of the epistemic subject, while, in a second moment, this listening had as its axis the subject of the unconscious. Thereby, in each of the cases, the resonances of the speech on the author's body led him/her along divergent paths, as indicated by the differences in the two types of interpretation of the short story *The tin*

¹ Fonoaudióloga (UNICAP), Pedagoga (UFPE), Mestre em Educação (UPE), Doutoranda em Ciências da Linguagem (UNICAP). E-mail: adrianaianino@hotmail.com

² Mestre em Psicologia Cognitiva pela UFPE, Doutora em Linguística pela UNICAMP, Membro do CEF-Recife-PE e do OUTRARTE-IEL-UNICAMP. E-mail: gmmcarvalho@uol.com.br

³ Deixamos esses termos no original (francês), no título e resumo, tanto em inglês como em espanhol, pela impossibilidade de traduzi-los, com precisão, nessas línguas.

woodman of Oz that motivated the present discussion. This work indicates a meeting point between linguistics, psychoanalysis and literature, which was based on a literary tale, highlighting the effects produced by the tale on the reader's body.

Key words: Tin man. *Lalanguê*. Body. Homophony. Resonance.

RESUMEN

Este artículo aborda el efecto de la lalengua en la captura del cuerpo del sujeto desde una perspectiva psicoanalítica-lacaniana. Por lo tanto, busca discutir el malentendido resultante de la aproximación homofónica entre palabras —en este caso, entre de lata y dilata— en la escucha del autor principal de este artículo en dos momentos diferentes. En el primero, se trata de una escucha anclada en la concepción del sujeto epistémico, mientras que en el segundo, esta escucha tuvo como eje el sujeto del inconsciente. Así, en cada caso, las resonancias del discurso en el cuerpo del autor lo llevaron por caminos divergentes, como lo indican las diferencias en los dos tipos de interpretación del cuento El Hombre de hojalata de Oz que motivaron la presente discusión. Este trabajo señala un punto de encuentro entre la lingüística, el psicoanálisis y la literatura, que se produjo a partir de un cuento literario, destacando los efectos que este produce en el cuerpo del lector.

Palabras clave: Hombre de hojalata. *Lalanguê*. Cuerpo. Homofonía. Resonancia.

Introdução

Este trabalho teve, como ponto de partida, o artigo da primeira autora (Ianino, 2019). Nele, a autora usa como metáfora-eixo da discussão o personagem *homem de lata*, protagonista do conto *The tin woodman of Oz*⁴ (BAUM, 1918) que consiste em um dos vinte e seis livros escritos pelo autor sobre a fictícia terra de Oz, destacando, assim, a aproximação homofônica na língua portuguesa – *de lata - dilata* – que lhe serviu de subtítulo do referido artigo. Pretendemos, no presente trabalho, recortar a interpretação para esse encontro homofônico que teve lugar naquele momento, a fim de tornar visível a diferença no que concerne a uma abordagem afetada pela *lalíngua*, conforme a concepção psicanalítico-lacaniana.

No artigo em foco, a autora (XX) aponta para o fato de que, em suas reflexões, surgiu o efeito sonoro “de lata” indo ao encontro da palavra “dilata” que, por sua vez, significa *expandir*, contrariamente a *enlatar*. Remete-se, ali, à indagação sobre se não estaríamos

⁴ Esse título foi traduzido por *O homem de lata*. Convém notar que o autor usou vários pseudônimos em livros sobre a terra de Oz, tema que teve continuidade na escrita de outros autores.

vivendo em nossa sociedade como “homens de lata”. Respondendo positivamente a tal indagação, essa autora afirma então que o homem *enlatou-se*, comprimiu-se, submetendo-se a um reducionismo em seu conhecimento. De forma metafórica, traça o percurso histórico do *homem de lata*, destacando que esse processo de *enlatar-se* teve início na Idade Antiga, mas é na modernidade que atinge seu ápice com o avanço científico. Assume, então, que “O avanço científico produziu uma supervalorização do uso da razão científica como única forma de conhecimento”. (IANINO, 2019, p. 249)

Assim, o processo de *enlatar-se* reflete-se na educação que a autora denomina “educação enlatada”, levando nossa sociedade a formar homens de lata. Enfim, propõe uma prática de magistério que implique

[...] recorrer a uma metodologia que estimule os alunos a produzirem o próprio conhecimento, respeitando a diversidade e as características de cada um dos participantes do processo educativo, compreendendo que o conhecimento resulta do enredamento dos aspectos físicos, do biológico e do social”. (p. 260)

Desse modo, a educação que *dilata* implica expandir o sujeito de conhecimento, sujeito epistêmico, dando lugar ao *homem dilatado*.

Conforme se pode inferir das breves colocações recortadas, aquela autora privilegiou o significado da língua padronizada, significado que se apoia na gramática e no léxico do português brasileiro e que possui, como suporte, o falante, sujeito epistêmico que lida com sua língua como objeto de conhecimento. Assim, o que dirigiu aquela interpretação foram os significados estabelecidos para os termos *lata* e *dilatar*. Importa notar que o estatuto de sujeito epistêmico diz respeito tanto ao interpretado – no caso, a comunidade humana –, como também (e sobretudo) ao intérprete – a autora do artigo.

Nesta revisitação ao escrito inicial, trazemos a perspectiva de análise psicanalítica, que nos levou a indagar, então: o que a interferência da proposta lacaniana de *lalíngua* poderia trazer como marca de diferença em relação a essa interpretação, dando, portanto, destaque, num outro sentido, ao equívoco homofônico em questão?

Com o intuito de cercar essa indagação, abordaremos, a seguir, a noção lacaniana de *lalíngua*.

Notas sobre *lalíngua*

A *lalangue* (*lalingua*), neologismo criado por Lacan (1997), aponta para um cruzamento entre os sons de *langue* (língua) e *lallation* (lalação), tendo sido o resultado de um lapso produzido por esse psicanalista⁵.

Iniciamos esta abordagem com a citação seguinte:

Lalíngua (*lalangue*), os antigos, após Esopo, tinham muito bem se apercebido que era absolutamente capital. Existe em relação a isto uma fábula bem conhecida, mas que ninguém se apercebe, que não é de jeito nenhum por acaso que na lalíngua (*lalangue*) qualquer que ela seja e da qual alguém recebeu a primeira impressão, uma palavra é equívoca. Não é certamente por acaso que a palavra *ne* se pronuncia de uma maneira equívoca com a palavra *noeud*. Não é de modo algum por acaso que a palavra *pas* que em francês redobra a negação, ao contrário de muitas línguas, designa também um *pas*. (LACAN, 1975 [1985], p. 12, tradução nossa)⁶

Sobressai-se, desse modo, um jogar com a ressonância entre as palavras francesas *ne* (primeira partícula da negação francesa) e *noeud* (nó), *pas* (segunda partícula da negação francesa) e *pas* (passo), deixando visível a *lalíngua* através do equívoco homofônico. Pode-se indicar que o psicanalista teria sido *capturado* por *lalíngua* e se refere, posteriormente, à homofonia, da qual depende a ortografia, como um equívoco – um lapso – “uma brincadeira da alma” (LACAN, 1973 [2003], p. 493).

A fim de explicitar, neste texto, o sentido do efeito de captura por *lalíngua*, iremos nos utilizar de propostas lacanianas, a partir de seus escritos, seminários e conferências. Não há uma obra específica em que o psicanalista conceitue o termo *lalangue* (*lalingua*), até porque a definição de um conceito a fixaria, comprometendo seu intenso movimento, uma vez que se trata de uma *animação* “no sentido de um remexido sério, de uma cócega, de um furor, em suma, a *animação do gozo do corpo*”. (LACAN, 1973-1974[2016], p. 153-154).

Dessa forma, além das fontes diretas, tomamos como eixo norteador, referências feitas em estudos de alguns autores como: Fingerman; Ramos (2009), Milner (2012), De Lemos (2015), Quinet (2017), entre outros.

⁵ Remetemos a De Lemos (2015) que realiza importante discussão sobre esse lapso e seus efeitos.

⁶ *Lalangue*, les anciens depuis le temps d’Esopé, s’étaient très bien aperçus que c’était absolument capital. Il y a là-dessus une fable bien connue, mais personne ne s’en aperçoit. Ce n’est pas du tout au hasard que dans *lalangue* quelle qu’elle soit dont quelqu’un a reçu la première empreinte, un mot est équivoque. Ce n’est certainement pas par hasard qu’en français le mot *ne* se prononce d’une façon équivoque avec le mot *noeud*. Ce n’est pas du tout par hasard que le mot *pas*, qui en français redouble la négation contrairement à bien d’autres langues, désigne aussi *un pas*.

Convém realçar que Fingerman; Ramos (2009), percorrendo exaustivamente a obra de Lacan, realizaram um cuidadoso levantamento das passagens em que esse psicanalista aborda *lalíngua*.

Para Quinet (2017):

O ser humano é um corpo falante. A *lalíngua* se refere àquela forma de falar do bebê (aproximadamente entre 1 ano e 2 anos e meio) que parece uma língua própria dela antes mesmo da articulação significativa. A *lalíngua* é o balbúcio, o tati-bi-tati, a lalação, termo do qual Lacan extraiu esse termo de *lalangue*. (p. 81)

Esse psicanalista dá, portanto, destaque ao corpo como lugar de *lalíngua*, afirmando que a criança a recebe da língua materna, sendo depositada em seu corpo “como material sonoro, ambíguo, equívoco, repleto de mal-entendidos, com diversos sentidos e, ao mesmo tempo, *sem sentido*”. (QUINET, 2017, p. 82, ênfase nossa).

De Lemos (2015), por sua vez, realça a marca de *lalíngua* no que há de canto na fala, ou melhor, no ritmo, na melodia, nas sonorizações, isto é, naquilo que escapa ao sentido, sendo atravessada pelo afeto.

Desse modo, a *lalíngua* “nos afeta primeiro por tudo aquilo que ela comporta de efeitos que são afetos” (LACAN 1972-1973 [1985], p. 190). Essa afetação indica o intenso movimento nela implicado.

A fim de irmos mais além na compreensão da complexidade sonora da linguagem, tomamos como referência os escritos do pianista e compositor Wisnik (1989). Afirma esse autor que a onda sonora é formada de ausência e presença; por sua vez, o aparelho auditivo registra tal oscilação em uma série de compressões e descompressões, configurando-se, portanto, em um *lapso*, sem o qual o som não poderia durar e nem mesmo se iniciar. “[...] há sempre som dentro do silêncio: mesmo quando não ouvimos os barulhos do mundo, fechados numa cabine à prova de som, ouvimos o barulhismo do nosso próprio corpo produtor/receptor de ruídos [...]”. (p. 18)

Os sons pulsam em nosso corpo de forma somática e psíquica. Destaca então Wisnik (1989) que “o som é um objeto subjetivo que está dentro e fora, não pode ser tocado diretamente, mas que nos toca com uma enorme precisão” (p. 28), como na criança que ainda não fala, porém percebe a melodia da voz de sua mãe como algo dentro de si mesma. Nessa perspectiva, a música “[...] aponta com uma força toda para o não verbalizável; atravessa

certas redes defensivas que a consciência e a linguagem cristalizada opõem à sua ação e toca em pontos de ligação efetivos do mental e do corporal, do intelectual e do afetivo”. (p. 28)

A onda sonora, conforme esse musicista, compõe-se, em sua complexidade, de frequências que dão ao som puro uma “singularidade colorística que chamamos timbre” (p.24) que ressoa diferentemente de acordo com o corpo do instrumento, inclusive o nosso próprio corpo.

É sobre essa ressonância que falaremos no tópico a seguir, situando a *lalíngua* como a marca inicial inscrita no corpo do ser falante, não como aquela que se apresenta no campo da formalidade teórica em busca de significado, mas como homofonia e equívoco que ressoam em nosso corpo.

Ressonâncias da linguagem

Em janeiro de 1972, Lacan, em uma de suas conferências, demonstrou-se de certa forma contrariado por não haverem disponibilizado o anfiteatro *Magnan*, mas sim uma capela. Em dado momento de seu discurso, exclama a célebre frase: “Eu me deixo levar essa noite, pois falo às paredes [*murs*]”. (LACAN, 1971-1972 [1997], p. 46)

A esse “falar com as paredes”, Lacan traz reflexões de sua própria fala. Furtado (2021), faz um importante recorte de tal momento, expondo que o psicanalista não se sentia “escutado” (reconhecido) pelos dirigentes do *Hospital de Sainte-Anne*. Ainda nesse contexto, sublinha um ato falho por ele cometido, relacionando-o ao fato de estar falando em uma capela.

Vocês entenderam? Estou falando na capela! É a resposta. Estou falando na capela, isto é, aos muros! Cada vez mais exitoso o ato falho! Sei agora a que vim falar, a quem sempre falei em Sainte-Anne, aos muros! Não tenho necessidade de voltar a isso, faz um tempão. De tempos em tempos, voltei com um pequeno título de conferência sobre o que ensino, por exemplo, e depois alguns outros, não vou fazer a lista. Aqui, sempre falei aos muros. (LACAN, 1971-1972 [1997], p. 45)

Furtado (2021), esclarece que a expressão “Falo à capela” (*Je parle à la chapelle*), pode remeter-se a uma outra expressão italiana no campo musical: *a cappella*. “[...] Assim, Lacan faz a relação entre o que diz e o canto *a cappella*, ou seja, canto sem acompanhamento que *ressona* nas paredes das igrejas”. (FURTADO, 2021, p. 164)

Dessa forma, na perspectiva de ressonância da linguagem, Lacan (1971-1972 [1997]) refere que falar às paredes da igreja implica ressoar uma voz, considerando que a arquitetura dessas paredes fora concebida exatamente para envolver um vazio. “Essa Coisa⁷, da qual todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação⁸, será sempre representada por um vazio”. (p. 46)

Esse vazio foi explicado pelo psicanalista, por meio de três modos diferentes: da arte, da religião e do discurso da ciência. E, para melhor explicitar sua fala, faz referência ao *Mito da Caverna* de Platão, articulando-o com o gozo e o nascimento da linguagem.

Suponham que sejam os muros a caverna de Platão onde se faz ouvir minha voz. É evidente que os muros me fazem gozar! E é nisto que vocês todos gozam, e cada um, por participação. Ver-me falando às paredes [*murs*] é algo que não pode deixá-los indiferentes. E, reflitam, suponham que Platão tenha sido estruturalista, ele teria percebido o que é a caverna, realmente, isto é, que foi sem dúvida ali que nasceu a linguagem. (LACAN, 1971-1972 [1997]), p. 46)

Conforme coloca Carvalho (2017), a consolidação da proposta lacaniana sobre o nó borromeu⁹, a instância da letra no inconsciente e a elaboração do sintoma – repercutido na obra de Joyce¹⁰ – foi o que possivelmente causou um deslocamento na interpretação da clínica psicanalítica, a partir dos recursos linguísticos que aparecem, seja no chiste, lapso ou nos artifícios de escrita joyceana.

Convoquemos, neste momento, De Lemos (2015) ao pontuar que, para compreender *lalíngua*, é necessário concebê-la como um acontecimento. Ou seja, na medida em que esse acontecimento é reconhecido como “habitação da língua” (p. 44); é desse/nesse acontecimento, que se deposita a etimologia de transmissão. E “[...] o verbo latino *transmittere* se decompõe em “enviar através”, “lançar através”, “lançar além””. (p. 43). Assim, a *lalíngua* se lança através e além dos sentidos da língua.

⁷ Lacan está se referindo à *Das Ding* freudiana – o vazio – que se constitui pelo caráter inatingível do reencontro com o objeto primeiro de satisfação.

⁸ Para Lacan (1959-1960 [1991]), na sublimação, o objeto é elevado à dignidade da Coisa.

⁹ O nó borromeu lacaniano é representado pelo entrelaçamento entre o real, o simbólico e o imaginário, entre os quais não há hierarquia, sendo atendida a condição de que um deles somente tem existência a partir dos outros.

¹⁰ *Joyce, o sintoma* é um seminário que Lacan ministrou em 1975. O psicanalista conheceu o escritor quando este estava com a idade de 17 anos. Joyce refletia o nome de seu seminário, porque o jovem sempre quis ser alguém cujo nome sobreviveria para sempre; queria encarnar o sintoma. Sendo a encarnação do sintoma, ele ficaria reduzido a uma estrutura e escaparia à morte.

Lacan (1953 [2003]), afirma que, para captarmos a letra da mensagem, é preciso nos determos no caráter ambíguo da fala, sendo importante lembrar que não podemos nos restringir a um significado, nem separá-la das ressonâncias que a alcançam, ou seja, em um mesmo texto podemos ler o que ele diz e o que ele não diz. Nessa perspectiva, a linguagem é feita de *lalíngua*, “é uma elocubração de saber sobre lalíngua” e “O que se sabe fazer com alíngua ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem”. (LACAN (1972-1973 [1985], p. 190)

Nessa perspectiva, para Quinet (2017), somente através da *lalíngua* é possível existir a linguagem, para fazer falar um corpo que goza. Isso convoca a colocação desse autor de que a *lalíngua* consiste naquilo que da língua materna se deposita no corpo como gotas de gozo – *chuva de letras de lalíngua no corpo* –, deixando rastros que se corporificam como um acontecimento do corpo.

Considerando as línguas faladas pelos sujeitos, Milner (2012) destaca a *lalíngua* lacaniana como lugar dos equívocos, matéria prima que toda língua possui e de que advêm os vários mal-entendidos, os duplos sentidos, o dizer com meias palavras. “Um modo singular de fazer equívoco: eis, então, o que é uma língua entre outras”. (p. 22). O próprio termo *lalangue* surgiu de um *equivocado* jogo de palavras escritas por Lacan (1971-1972 [1997]):

Tínhamos encontrado um troço formidável: os dois melhores caras que puderam trabalhar nessa trilha, tecer esse fio, tínhamos dado a eles um trabalho muito bonito: Vocabulário da Filosofia. Que foi que eu disse? Vocabulário da Psicanálise. Vocês vêem o lapso? Enfim isso vale o Lalande... Lalangue, como escrevo agora, não tenho o quadro-negro, bem, escrevam alíngua [lalangue] numa só palavra; é assim que a escreverei doravante. (p. 15)

De Lemos (2015), por sua vez, destaca em *lalíngua* seu caráter de acontecimento, como já foi referido antes, isto é, de inconsciente em ato, colocando:

Ao associar as formações do inconsciente aos primeiros jogos entre mãe e bebê, jogos de ressonância – em que a mãe faz eco aos sons que vêm do corpo do filho, com sílabas que podem vir estruturadas em palavras –, Lacan põe a nu o jogo a que estamos submetidos como seres de linguagem, jogo de fazer e desfazer o signo, de fazê-lo soar e ressoar, suspendendo o sentido, jogo este que faz de lalíngua o próprio movimento do pensar, dizer e escutar. (p. 48)

A *lalíngua* possui, então, como marca primordial, a equivocidade¹¹ homofônica que a localiza *aquém* e *além* do sentido estabelecido na língua, sendo atravessada pelo afeto. Ela se caracteriza também por um movimento intenso que é concebido como uma *animação*, conforme colocado antes.

Antes de encerrar este item, formulamos a seguinte indagação que pretendemos abordar rapidamente: poderia a teoria linguística absorver a *lalíngua* com seu estatuto de equívoco?

Convém notar que estamos nos referindo à linguística que delimita um campo de investigação científica, tendo sido inaugurada por Ferdinand de Saussure. Esse linguista recortou, como objeto de estudo, a língua concebida como sistema, possuindo uma ordem própria que a singulariza em relação às demais ciências. Nesse sistema, o signo linguístico consiste numa associação entre significante – imagem acústica – e significado – ideia ou conceito – associação que não obedece a qualquer motivação externa, segundo o princípio básico da arbitrariedade. Na língua, sobressai-se então, o coceito de valor de acordo com o qual nem o significante, nem o significado podem ser atingidos diretamente, mas sim, através de suas diferenças para com outros significantes ou outros significados. Trata-se, portanto, de relações diferenciais, opositivas, negativas. Uma entidade linguística, afirma Saussure (1916 [1989]), é o que as outras não são, na medida em que “na língua há apenas diferenças *sem termos positivos*”. (p. 139, ênfase do autor). Realça ainda o genebrino que “*a língua é uma forma e não uma substância*”. (p.141, ênfase do autor), revelando, ao longo de seu trabalho (SAUSSURE, 2004) um esforço para excluir, da concepção de língua, qualquer dimensão substancial. Nos *Escritos de linguística geral* (2004), esse linguista procura estabelecer a diferença entre significante – a forma – e o que ele denomina de figura vocal, afirmando que essa última interessa ao físico ou ao fisiologista, mas não ao linguista ou ao sujeito falante. Nessa perspectiva, refere-se ao “*Domínio fisiológico-acústico (não linguístico) da figura vocal (que se impõe como igual a si mesma, independentemente de toda língua)*”. (p. 28, ênfase do autor).

¹¹ Vale lembrar que equivocidade ou equívoco, do ponto de vista linguístico, consiste, de acordo com Milner (2012), na impossibilidade de atribuir, com segurança, um (ou mais de um) significado a um significante.

Deduz-se, então, que a teoria linguística não poderia abarcar a noção lacaniana de *lalíngua* em que se sobressai sua dimensão sonora ou, como ressaltou De Lemos (2015), a *dimensão de canto que existe na fala* em detrimento do sentido.

Por sua vez, Milner (2012) se refere à homofonia de *lalíngua* – condição do lapso e do chiste – como fazendo parte do *inassimilável* pela língua, ou seja, com a homofonia “a linguística simplesmente não tem o que fazer” (p. 89), uma vez que ela rompe com o diferencial do signo saussuriano. Essa ruptura coloca a língua em falta, isto é, impede que a língua se constitua como um todo. Esses pontos de cessação do todo linguístico são remetidos, por aquele autor, à poesia; trata-se de *pontos de poesia*, posto que, na criação poética, domina a homofonia, isto é, uma série de fonemas ecoa uma outra. É nessa perspectiva que *a linguística não tem o que fazer com a homofonia de lalíngua*, ou melhor, na língua, “*como se sabe, só há diferenças*” (MILNER, 2012, p. 75) e o *eco contingente* desfaz diferenças. A noção de eco é, aqui, importante, na medida em que não se trata apenas da repetição fônica do mesmo significante, mas também da ressonância entre partes de significantes¹². Porge (2014) concebe, na constituição do falante, um estádio do eco que “estaria ligado a esse momento de passagem do grito ao apelo e à fala” (p. 122). Trata-se de um “tempo de passagem pelo jogo de vocalizações, os balbucios, os gorjeios, as lalações, o motherese ou o parenthese (pois isso não se refere somente à mãe) em que a criança goza da matéria sonora para seu prazer”¹³. (p. 120). O autor denomina então esse momento de “espelho sonoro” (p. 121), expressão que ele atribui a Didier Anzieu.

Como consequência, a *lalíngua*, em sua dimensão sonora, isto é, em sua condição de inassimilável pela língua concebida como sistema, leva Lacan (1972-1973 [1985]) a criar o neologismo *linguisteria*, afirmando:

Mas se consideramos tudo que, pela definição da linguagem, se segue quanto à fundação do sujeito, tão renovada, tão subvertida por Freud, que é lá que se garante tudo que de sua boca se afirmou como o inconsciente, então será

¹² Do ponto de vista estritamente gramatical, a homofonia diz respeito a palavras que possuem igual pronúncia e diferentes grafias. Quando, além de possuírem igual pronúncia, possuem igual grafia, com diferença nos significados, trata-se de homonímia perfeita. Quando há uma ligeira diferença entre pares de palavras quanto à grafia e à pronúncia, estamos diante da chamada paronímia. Vale ressaltar que, quando nos referimos, aqui, à homofonia incluímos a paronímia, ou seja, referimo-nos também a uma aproximação fônica e gráfica entre palavras que, a rigor, são parônimas. (Ver BECHARA, 2005)

¹³ Consiste, portanto, na *lalíngua* da criança, conforme a noção lacaniana. Nessa perspectiva, o eco é a matéria prima de *lalíngua* com sua marca de equívoco.

preciso, para deixar a Jakobson seu domínio reservado, forjar alguma outra palavra. Chamarei a isto de linguisteria. (p. 25)

Desse modo, a articulação ou associação entre um significante e um significado, conforme uma determinada língua constituída, uma língua em uso, é rompida pelas manifestações de *lalíngua* no falante, ruptura a que vamos nos referir mais adiante.

Concerne, então, ao psicanalista e à sua prática, a análise por meio da palavra. Assim, conforme coloca Machado (2013), cabe ao analista “dar conta” dessa ambiguidade e da homofonia da *lalíngua* constituídas na matriz formadora das representações do inconsciente.

A questão é que *lalíngua*, sem o aprisionamento do sentido, se sustenta da homofonia das palavras e, portanto, da equivocidade, por estrutura. Daí provém o mal-entendido da linguagem, berço do falasser. Entrar na linguagem é cair nessa cilada. Aí se desenrola o drama do falasser, causado por um saber insabido, portador de um escrito que ele não é capaz de ler, e sempre compelido a encontrar um sentido para tudo. (MACHADO, 2013, p. 114)

Sobre o conto *O homem de Lata* como metáfora

Recorremos, neste momento, ao conto focalizado, transcrevendo dele apenas uma pequena parte, na tentativa de propô-lo como uma metáfora de captura do sujeito por *lalíngua*, diferentemente de Ianino (2019) que o propôs como uma metáfora de sujeito epistêmico:

O Homem de Lata, antes chamado Nick Chopper ou Nick Lenhador, era um homem de carne, osso e sangue que vivia no país dos Munchkins localizado na Terra de Oz que era governada por Ozma, uma fada bondosa. Era lenhador por profissão e morava na extremidade de uma floresta, tendo-se apaixonado por Nimmie Amee, uma bela garota Munchkin que vivia com uma poderosa Bruxa Má. Essa bruxa fez Nimmie sua escrava, obrigando-a a trabalhar dia e noite. Nick a pediu em casamento e a garota aceitou, deixando a bruxa muito zangada o que a fez encantar o machado do lenhador. A partir daí, quando ele estava cortando lenha, seu machado escorregava e cortava uma parte de seu corpo: primeiro uma perna, depois a outra, em seguida os braços. O tronco de Nick foi cortado em dois, tendo sido fatiado em pequenos pedaços pela bruxa má que o observava e, por fim, o machado encantado cortou-lhe a cabeça. A cada perda, seu amigo Ku-Klip, um funileiro muito habilidoso, substituíam a parte cortada do lenhador por outra de estanho, até que todo o seu corpo, inclusive a cabeça, passou a ser de estanho. O Homem de Lata estava feliz e orgulhoso com seu corpo de estanho reluzente como um espelho, mas, com a perda de seu coração, ele achou que não amava mais sua noiva e desistiu do casamento. Resolveu, então, apelar ao mágico de Oz para que lhe desse um coração, reconhecendo que é a realização afetiva que traz felicidade e não a inteligência. O mágico disse-lhe, então, que corações estavam muito escassos, naquele momento, e

somente restava um coração que era bondoso, mas não era amoroso. Nick aceitou, continuando, assim, na mesma situação de antes, sem poder amar sua noiva. O homem de Lata tornou-se imperador do povo de Winkie (país da terra de Oz). Um dia, estava em seu castelo de estanho conversando com seu melhor amigo, o Espantalho, como fazia frequentemente, quando apareceu Woot – um menino andarilho habitante do país dos Gillikins – que se introduziu na conversa, pedindo-lhe que contasse sua história. Convencido pelo andarilho, o Homem de Lata decidiu que era seu dever casar-se com Nimmie Amee e partiram numa aventura rumo a Munchkin, a fim de encontrar a garota; no caminho, depararam-se com seres estranhos, dentre eles o hip-po-gy-raf, uma grande besta. Um acontecimento marcante foi o encontro com uma gigante mágica, Yook que os transformou em animais – macaco, urso, coruja... –, magia que somente foi desfeita por Ozma. Em um ponto do percurso, encontraram outro homem todo feito de estanho, exatamente igual ao protagonista do conto. A única diferença entre eles era que um – o Homem de Lata – portava um machado e o outro – o Soldado de Estanho, antes chamado Capitão Fyter –, uma espada. O Soldado contou sua história que coincidia com a história do Homem de Lata. Ele aderiu ao grupo que resolveu continuar a busca por Nimmie, para que ela decidisse com que iria se casar. A fim de localizar a garota, o grupo resolveu pedir informação ao funileiro (no país dos Munchkins) que não estava em casa quando eles chegaram. Ao retornar, o funileiro explicou-lhes que construíra um homem, juntando, com uma cola mágica, partes (de carne) descartadas do lenhador e do soldado, tendo lhe dado o nome de Chopfyt que é uma junção de partes dos seus nomes e informou que Nimmie estava morando no Monte Munch para onde o grupo se dirigiu. Chegando à casa da garota, o grupo encontrou Chopfyt que ela apresentou como seu marido, fazendo o grupo partir em retorno que ocorreu sem incidentes.
(Resumo baseado em BAUM, 1918[2023])

Em Ianino (2019), o conto *O Homem de Lata* é conduzido de forma metafórica às reflexões acerca da relação entre corpo e mente.

Abrimos um pequeno parêntese apenas para lembrar que a metáfora – o funcionamento metafórico – ao lado da metonímia – o funcionamento metonímico – constituem as duas formas de funcionamento da língua como sistema, segundo Jakobson (1975 [2014]). Assim, a metonímia consiste na substituição de significantes com base na relação de proximidade, de contiguidade entre eles, enquanto que, na metáfora, os significantes se substituem por uma relação de similaridade. Para esse autor:

O desenvolvimento de um discurso pode ocorrer segundo duas linhas semânticas diferentes: um tema (*topic*) pode levar a outro quer por similaridade, quer por contiguidade. O mais acertado seria talvez falar de processo metafórico no primeiro caso, e de processo metonímico no segundo, de vez que eles encontram sua expressão mais condensada na metáfora e na metonímia respectivamente. (p. 55)

Fechando o parêntese, destaquemos que Ianino (2019) reitera a proposta por ela assumida naquele momento a qual possui como eixo o sujeito de conhecimento, ao se implicar nessa proposta por meio do realce dado à questão do autoconhecimento, relatando:

[...] E em minha mente as peças iam se juntando como se eu montasse um quebra-cabeça. Quebra-cabeça que monto até hoje. Mas estas eram as peças principais, a base, o tema do meu quebra-cabeça. Tudo que eu vivenciava na dança, na faculdade, na vida, todos os conhecimentos de alguma forma se interligavam. (p. 17)

[...] ter o conhecimento de mim, do meu corpo, e a prática da dança e o autoconhecimento fizeram parte do que sou hoje. A partir do momento em que refletimos sobre nossos sentimentos e sensações; que passamos a compreender que a imagem que temos de nós não é a mesma que passamos para o outro... Tanto fisicamente, quanto psicologicamente e/ou emocionalmente, nossa mente se expande e passamos a observar os acontecimentos sobre outra(s) lógica(s). (p. 18)

No presente artigo, damos especial realce à mudança de posição daquela autora face à equivocidade homofônica: *de lata – dilata*. No entanto, é importante notar que, nesta discussão, somente poderíamos falar em equivocidade homofônica entre *homem de lata* e *homem dilata*, considerando uma tradução do conto para o português, não sendo possível em sua versão original em inglês, o que traz à tona a colocação lacaniana sobre o estatuto de *lalíngua*, com sua dimensão de equívoco, como o singular das línguas, ou seja, como a marca que singulariza cada uma das línguas.

Ao mesmo tempo, também não seria possível, com base no que já foi posto, abordar *lalíngua* diretamente a qual, por isso mesmo, é tratada do ponto de vista de um caminho metafórico.

Assim, no protagonista, a ausência de órgãos – retirados pela magia de uma bruxa – estaria apontando para um vazio, uma ausência, em *lalíngua*, de sentidos predeterminados. Lembremos que, quando falamos de *órgãos* nesse contexto, remetemo-nos aos sentidos atribuídos pelas definições presentes no discurso médico estabelecido. Nessa perspectiva, a ausência de órgãos, como metáfora, estaria rompendo esses sentidos preestabelecidos.

Por sua vez, toda a extensão de pele do personagem foi, pela magia, transformada em lata que emite sons cada vez que ele se movimenta. Desse modo, estariam sendo realçados a sonoridade e o movimento que somente param quando algo externo (a ferrugem provocada pela água da chuva) os impede. Vale destacar que o órgão de que o personagem sente falta consiste no coração que é tratado (metaforicamente) como a sede do amor, sede dos afetos do

ser humano. A ausência de coração – ou de um coração amoroso – estaria, portanto, indicando uma (suposta) contradição, no conto. Perguntamos: como poderia o Homem de Lata sentir afeto, como, por exemplo, pelo Espantalho que considerava seu melhor amigo? Convém lembrar que o protagonista recebeu, do mágico de Oz, um coração bondoso, mas não um coração amoroso. Assim, dentro de nossa abordagem metafórica, poderíamos supor que a dimensão de afeto do homem de lata, mesmo na ausência do coração (ou do coração amoroso), indicaria que o afeto não estaria na dependência do órgão, ou seja, do sentido médico, ou ainda, estaria rompendo esse sentido. Por sua vez, a divisão do coração, de acordo com suas qualidades (bondoso ou amoroso), acentua a ruptura provocada, indicando um *aquém e além* do sentido estabelecido, conforme mostra *lalíngua* em seu intenso movimento.

Sob o efeito desse movimento, escutamos, no conto, significantes que ecoam outros significantes como, por exemplo: *Wood* destaca-se de *Woodman* (*Lenhador*), para formar *Woot* com a troca do fonema /d/ pelo /t/, compondo o nome do personagem-menino andarilho (*Woot the Wandered* = *Woot o Andarilho*) que ressoa *Yook* (a gigante má); *Winkie* (país da terra de Oz)¹⁴ ressoa *Wicked* que compõe *Wicked Witch* (*Bruxa Má*). Pôde-se escutar também a ressonância entre *Monkey* (*macaco*), *Munch* (*mount Munch* = *monte Munch*) e *Munchkin* (país da Terra de Oz), sendo que esses dois últimos se diferenciam pela terminação *kin*¹⁵ a qual, por sua vez, ecoa *Gillikin* (nome de outro país da terra de Oz). Convém indicar ainda o movimento rítmico provocado pela separação de partes da palavra *Hip-po-gy-raf* que consiste numa condensação que ressoa *hippopotamus* (*hipopótamo*) e *giraffe* (*girafa*). Ocuparíamos grande espaço, neste artigo, registrando os inúmeros significantes cujos ecos afetaram nossa escuta, tendo nos restringido, por isso mesmo, a transcrever alguns casos a título de exemplo¹⁶. Não poderíamos, contudo, deixar de apontar para um momento decisivo do conto: aquele em que o próprio autor se refere explicitamente a essas ressonâncias, quando explica que *Chopfyt* resulta de parte de *Nick Chopper* e parte de *Capitain Fyter*. *Chopfyt* é um personagem construído por Ku-Klip, o funileiro, com as partes (de carne) rejeitadas/descartadas de Nick e do Capitão Fyter, na construção do Homem de Lata e do

¹⁴ Trata-se do país em que o homem de lata passou a habitar após sua transformação, tendo-se tornado imperador de seu povo que é, entretanto, governado – assim como todos os povos da Terra de Oz – por Ozma.

¹⁵ Estamos tratando o segmento *kin* como um segmento sonoro, considerando sua ressonância ou eco. No entanto, do ponto de vista gramatical, trata-se de prefixo da língua inglesa que indica diminutivo.

¹⁶ Uma leitura atenta às ressonâncias que emergem d'*O homem de Lata*, permite apreender que o *eco* constitui a linha mestra usada pelo autor para produzir seu tecido.

Soldado de Estanho. Afirma o funileiro: “Eu o nomeei Chopfyt, usando uma parte do nome de Nick Chopper e uma parte do nome de Captain Fyter, porque ele era uma mistura das partes descartadas de ambos”¹⁷. (p. 71, tradução nossa). Podemos dizer que a reconstrução de um homem a partir das partes de outros homens indicaria, metaforicamente, o jogo de palavras de *lalíngua* ou, como coloca De Lemos (2015, p. 48), “jogo de fazer e desfazer o signo, de fazê-lo soar e ressoar, suspendendo o sentido”.

Trata-se, portanto, de alguns exemplos de reflexos produzidos no espelho do homem de lata, reflexos que fazem surgir *pontos de poesia* no texto, conforme a proposta de Milner (2012) referida antes. É importante realçar que nossa escuta para *O Homem de Lata* como metáfora de *lalíngua*, ao provocar ruptura nos sentidos estabelecidos na língua, evitou sua fixação em um sentido unívoco. Em outras palavras, escutamos sua abertura para “aquém e além” desse sentido.

Assim, ainda que os sentidos estabelecidos para *lata* e de *dilatar* se imponham num primeiro momento, o intérprete pode não se permitir aprisionar por eles, ao tentar escutar as ressonâncias dos significantes, ou melhor, ao tentar escutar a *lalíngua* em seu movimento de equívocos, sobretudo, homofônicos. Como exemplo dessa escuta na clínica psicanalítica, podemos citar o caso freudiano do *homem dos ratos*. Freud (1909 [1975]) narra o sofrimento de seu paciente decorrente de ideias obcecantes em torno do animal rato (*Ratten*, em alemão), relacionando significantes em torno desse sentido que se fixa em seu discurso. No entanto, por um instante, o significante *rato* (*Ratten*) se aproxima homofonicamente de *Raten* (*prestação, pagamento*, em português), nesse discurso. Assim, pelo menos nesse instante, o equívoco que advém de tal aproximação, rompe com os sentidos cristalizados em torno de rato que constituem o sintoma do paciente, abrindo-se para outros sentidos como, por exemplo, *Spielratte* (*rato de jogo*), ou *Heiraten* (*casar*), não se fixando em um sentido único. Convém notar que os dois significantes (*Ratten* e *Raten*), na escrita, diferenciam-se apenas por uma letra, ou ainda, nesse caso, uma letra cai.

A esse respeito, propomos que o intérprete, do ponto de vista da psicanálise lacaniana, somente poderia escutar a *lalíngua* de seu paciente com suas ressonâncias e equivocidades, na

¹⁷ I named him Chopfyt, using a part of Nick Chopper's name and a part of Captain Fyter's name, because he was a mixture of both our cast-off parts”.

medida em que pudesse escutar o funcionamento de sua própria *lalíngua* que, uma vez recalçada, poderia retornar em situações específicas, como na clínica, por meio de uma escuta singular.

Algumas palavras para finalizar

Para finalizar, pareceu importante realçar que a ausência de escuta para as ressonâncias e equívocos da fala, em Ianino (2019), conduziu essa autora por um caminho bem diferente daquele aberto pela intervenção de *lalíngua*. Assim, conforme foi visto, no primeiro caminho, a luz foi lançada sobre o sujeito consciente, sujeito de conhecimento, de controle, focalizado no sentido preexistente, enquanto que, no segundo, revela-se o sujeito do inconsciente, sujeito de desejo em quem, muitas vezes, o (suposto) controle falta por meio de sua fala sem sentido. Trata-se de um sujeito cujo corpo fora capturado pelo movimento de *lalíngua*, isto é, um sujeito que, sem saber, aproxima homofonicamente *homem de lata* e *homem dilata*, deixando visível, sem ser sua intenção, a diferença em sua interpretação do conto como metáfora do conhecimento ou como metáfora de *lalíngua*. Pode-se dizer, então, que vem à luz um não saber ou, melhor ainda, revela-se, num tempo *a posteriori*, um outro saber – diferente do saber consciente o qual se confunde com o conhecimento. Assim, o corpo da autora fora capturado, naquele momento, pela ressonância de *lalíngua* – ao aproximar *de lata* e *dilata* em sua escuta – mas, somente no *a posteriori*, pôde reconhecer, por meio de uma leitura psicanalítica, essa captura, ancorada na *lalíngua* lacaniana, o que lhe provocou uma mudança de posição face a sua escuta anterior.

Enfim, poderíamos afirmar, parafraseando Lacan¹⁸, que a língua é uma produção de conhecimento sobre o não saber de *lalíngua*, não saber que está sempre prestes a irromper nas brechas do saber linguístico, como aconteceu com a primeira autora deste artigo. Nessa perspectiva, as manifestações *lalinguageiras* que se mostram a céu aberto na criança, em seu percurso de constituição como falante, uma vez recalçadas pela sua língua, tornam visível a condição de que as duas (*lalíngua* e *la língua*) são indissociáveis, ou melhor, não podem prescindir uma da outra. Em outras palavras a *lalíngua* precisa da língua, tanto para seu esquecimento (recalque), a fim de que o *infans* se torne falante, como para seu ressurgimento (o retorno do recalçado) através das rupturas que o *sem sentido* provoca na ordem própria da língua expressa na fala do sujeito. Em *O Homem de Lata*, esse *sem sentido* percorre o conto,

¹⁸ *A linguagem é uma elocubração de saber sobre alíngua.*

DE LEMOS, C.T.G. La língua: “acontecimento e transmissão”. In: *Savoir-faire avec la langue*. Campinas: Mercado de Letras, Paris: Association de Psychanalyse Encore, 2015, p. 39-48.

FREUD, S. Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In: FREUD, S. *Edição standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. X. Rio de Janeiro: Imago, p.137-273, 1909[1975].

FURTADO, L.A.R. *Réson*: Ruído, ressonância e razão significativa na clínica psicanalítica. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 161-183, jan-abr/2021.

IANINO, A. *Consciência corporal e práticas pedagógicas na educação infantil, sob o olhar da transdisciplinaridade*. Dissertação. Mestrado em Educação. Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte, 2017, 192p.

IANINO, A.M. Disciplinaridade e transdisciplinaridade: o homem de lata x o homem dilata. In: GUILHERME, W.D. (Org.). *Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 12*. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019, p. 245-263.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975 [2014], p. 34-62.

LACAN, J. Discurso de Roma. In: LACAN, J. *Outros Escritos*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, 1953 [2003], p. 139-172.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1957[1998], p. 496-533.

LACAN, J. *O Seminário: Livro 7, A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1959-1960[1991].

LACAN, J. *O saber do psicanalista*. Publicação não comercial para circulação interna. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1971-1972 [1997].

LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1972-1973[1985].

LACAN, J. O aturdido. In: LACAN, J. *Outros escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1973 [2003], p. 448-497.

LACAN, J. *O seminário, Livro 21: Os não-tolos vagueiam*. Salvador: Espaço MOEBIUS. Publicação não comercial de circulação interna do Espaço Moebius, 1973-1974[2016].

LACAN, J. Conférence à Geneve sur le symptom. In: *Le Bloc-notes de la psychanalyse*, n. 5, p. 5-23, 1975 [1985]. Disponível em: <http://aejcpp.free.fr/lacan/1975-10-04>. Acesso em: 25 abril 2023.

LACAN, J. Joyce, o sintoma. In: LACAN, J. *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 1975 [2003], 560-566.

MACHADO, Z. Diztrincar a interpretação. *Stylus Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 113-119, out. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2013000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 16 mar. 2024.

MILNER, J.-C. *O amor da língua*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.

PORGE, Erik. *Voz do eco*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

QUINET, A. (2017). Corpo e linguagem (Body and language). *Estudos da Língua(gem)*, v. 15, n. 1, p. 77-88. DOI: 10.22481/estudosdalinguagem.v15i1.2418. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/2418>. Acesso em: 25 abril 2023.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Editora Cultrix, [1916] 1989.

SAUSSURE, F. *Escritos de linguística Geral*. BOUQUET, S.; ENGLER, R. (orgs.). São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

WISNIK, J.M. *O som e o Sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.